

Não sem passar pelo real¹

Carmen Gallano

Entendo que a comissão organizadora convidou-me para intervir nesta mesa-redonda por ter sido membro do CIG (Colegiado Internacional de Garantia) da IF-EPFCL entre os anos de 2006-2008, e em consequência ter obtido a oportunidade de participar nos cartéis do passe.

Dos cartéis do passe, em nossa Escola, todos lamentamos a pouca elaboração sobre o passe, que se transmite ao conjunto da Escola. O que se espera? Lacan é explícito na Proposição de 1967: os membros do chamado, agora, “cartel do passe” que ele denominou “júri de acreditação” não são juízes, mas “testemunhas”, que haverão de tomar a decisão de autorizá-lo, ou não, como AE; decisão “esclarecida” pelo testemunho que o passante oferece, ao falar da sua análise.

Porém, acrescenta: “inútil indicar que esta posição implica uma acumulação da experiência, sua coleção e sua elaboração, uma seriação de sua variedade, uma notação dos seus graus” e “o júri não pode se abster de um trabalho de doutrina, além do seu funcionamento como seletor”.² Difícil responder ao citado acima quando, no meu caso, como membro dos cartéis do passe, dentre os nove casos de demanda de passe apresentados nos testemunhos dos passadores, nos três diferentes cartéis dos quais participei, somente um caso, o de Silvia Franco, fez a transmissão de passe, o qual nos deu ao cartel a alegria de nomeá-la A.E. Devo dizer que, tanto nos oito casos não nomeados quanto no caso nomeado A.E., não houve dúvidas sobre a decisão, em clara convergência de todos os membros do cartel.

Desse modo, para tentar uma mínima seriação e elaboração, além do extraído das notas que tomei no cartel, dos testemunhos dos passadores sobre o passe da colega brasileira, mais o que debatemos em duas reuniões em nosso cartel sobre o ensino de seu passe, fui ler o que tinham escrito outros A.E. de nossa Escola. Encontrei dois textos de Pascale Leray³ que transmitem, como no seu caso, que o passe não se confunde com o final de análise e se diferencia dele. Ela, diferente de Silvia Franco, fez o passe na Escola, antes de chegar ao final de análise. Tenho lido textos de outros A.E. de nossa Escola e de passantes não nomeados que não esclarecem bem, à luz de sua própria experiência em análise e do transmitido de sua análise no passe, esta distinção entre passe e final de análise, embora, como Patrick Barillot,⁴ a elaborem teoricamente.

Começarei pelo que pude localizar sobre a não coincidência en-

¹ Texto apresentado nas Jornadas anuais de EPFCL – Federação dos Fóruns do Campo Lacaniano - Espanha, Valência, fevereiro de 2009.

² Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967* (1967/2003, pp. 260-261).

³ Leray, *L'expérience de la passe: de la décision aux conséquences* (2008) e *Le désir de l'analyste* (inédito).

⁴ Ver Barillot, *Passe et fin d'analyse* (2005), *O passe não é o fim* (2006) e *O passe sem o fim* (2008).

⁵ Franco, *Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber* (inédito).

⁶ Este texto de Silvia Franco encontra-se publicado neste número de *Stylus: Revista de Psicanálise* (N. E.).

tre passe e final de análise no que foi transmitido pela nomeada A.E. em nosso cartel. Silvia Franco me deu sua autorização para que eu faça público o breve texto elaborado por mim sobre seu passe, que lhe enviei previamente. E ao mesmo tempo, me enviou um texto,⁵ e ⁶ ainda não acabado, sobre seu passe, com suas elaborações, texto no qual ela situa vários momentos de passe “como momentos de separação”. Surpreendeu-me que os sonhos que ela relata no seu texto, como cruciais das viradas da sua análise, não são os mesmos que eu recolhi nas minhas notas. E, como sei que na Mesa estará outro membro desse cartel, Luiz Izcovich, ele poderá dizer o que a ele ensinou essa passante sobre a diferenciação passe/final de análise.

Parece-me que seu passe se produz no tempo de ser designada passadora, mais ou menos dois anos antes do seu final de análise. Exerceu a função de passadora durante alguns meses. Seu testemunho de passe é, no seu caso, ulterior a seu final de análise.

Um momento de passe ficou claro, resolvendo subitamente o que experimentava com intensa dor como impasse formulado como “melhor morrer do que essa ruptura”. A ruptura em questão lhe fazia perder um vínculo sustentado na fantasia, fantasia da qual tinha extraído qual objeto se fazia ser para o Outro, sob os ornamentos da identificação fálica. Não é esclarecer (separar) o real do gozo, mantido na fantasia, o que faz passe. Mas a separação, por uma ruptura em ato, da sua alienação fantasmática, pagando um preço no real, passando por várias perdas, dentre outras, do que no seu vínculo lhe dava um lugar exitoso com sua anterior analista, com quem, até a ruptura, partilhava consultório e atividades psicanalíticas. O efeito desse momento de passe, dessa separação, foi o início de uma intensa angústia, e logo o real de intensas dores físicas, especialmente no coração, que a levaram várias vezes até o hospital, sem que nada do saber inconsciente pudesse dar conta disso e sem causa orgânica. Nos sucessivos momentos de passe, foi caindo do lugar da “escolhida” / “não escolhida”, do lugar do objeto, no qual disse “haver estado colada para não perder o sentido”. E assim se encontra com o A barrado, com o furo no lugar do Outro e com a queda do sujeito suposto saber.

Encontra-o na emergência da perda de sentido a partir dos decifrados do seu inconsciente e como um irredutível furo no Outro do saber. E isso resolve seu sintoma, que precisamente, de diferentes modos, fazia-lhe “perder o sentido”, com desmaios, ou com o “temer perder o sentido ao falar”. O gozo do sintoma, ao cessar, revela-se ligado a seu fazer-se objeto do gozo, atribuído ao Outro na sua fantasia.

Nessa situação pontual da sua análise, é designada passadora e experimenta grande incômodo: “a analista não entendeu nada”, é

sua reação. Pois interpretou que a analista a considerava próxima ao final da sua análise e para ela não era assim. Ocasão de ver como a ideia entendida, há anos, de que o passe anuncia o final de análise, é desacertada. O gozo de sua fantasia “fazer-se a morta para não ser atacada, para não morrer”, passando ao sem-sentido de “fazer-se de morta para não morrer”, cai e a coloca em outra perspectiva a respeito dessa montagem: “fazer-se de morta para não ser escolhida”. O efeito foi que, para sua surpresa, a voz da analista, destituída do lugar do SsS, tornou-se incômoda, e com um efeito de tristeza; e ela consentiu em exercer a função de passadora, a partir do “não saber” e de sua destituição subjetiva.

A heterogeneidade destas duas diferentes “perdas de sentido”, aparecida no equívoco da expressão, permite-lhe esclarecer⁷ a separação entre o **real do gozo** que, fixado no objeto da fantasia, alimentava o sintoma, e o **real como furo no Outro do significante**, desse saber sem sujeito que é o inconsciente. Assim, se descobre numa mudança de posição e num desejo novo que traz consigo, além de mudanças em sua vida, uma mudança radical na sua posição com seus pacientes e uma certeza, num novo modo de silêncio, para ela, com seus pacientes. Vários sonhos e equívocos fazem aparecer como, “no lugar da morta sem cabeça”, algo a empurra a falar, mas não um “falar bem”, que era sua aspiração ideal. Dirá em seu testemunho que esse desejo de analista se fundamenta desde “esse algo (essa alguma coisa) que escapa ao saber” e que a leva, desde o passe, a ouvir os pacientes “descolada do sentido”.

Do momento da decisão de seu final de análise, no seu texto aparece que foi o esvaziamento do objeto a que havia reduzido a analista, o resto da relação transferencial, que velava o vazio do Outro, o que fez a conclusão, passando pelos efeitos de um sonho “de entrar sozinha num elevador que cai, sem que ninguém lhe socorra”. O que o cartel recolheu do seu saldo do final da análise é: como aquela que aspirava “falar bem, com a esperança de ser ouvida”, e que começou um percurso de terapias desde os 19 anos em busca de uma analista, seis anos depois, na terceira, que na transferência encarnava o Ideal de falar bem, obtém em dois anos um êxito terapêutico, um êxito egoico, sem se satisfazer com ele (é a analista, transformada em colega, com quem se jogará, anos depois, a ruptura que citei anteriormente). Passando por um tempo na sua imediata nova análise, na qual se agudizou seu sintoma de “não poder dizer nada”, “não poder valorizar nada”, nessa última análise pôde chegar até seu fim. Escolheu uma analista “que falava mal e desarrumada com seus papéis”, o que já marcava, no meu ver, uma falha no Outro.

E aquela a quem suas inibições e sintomas impediam “falar bem”, no seu passe surpreendeu o cartel com um “justo dizer”, transmiti-

⁷ A palavra é *despejar* em espanhol, que significa tanto esclarecer, quanto abrir, clarear (N. T.).

do pelos seus passadores, modesto, presente no tecido com algumas cordas de saber da sua análise, surgido desde um “impossível falar bem” e “um impossível de saber”. No seu texto, Silvia Franco disse, cito-a: que “não é uma tarefa simples escolher os rastros do que foi esvaziado até o ponto de produzir um ato”; e se pergunta “como tentar transmitir algo do impossível?”.

Passo agora ao recolhido do que Pascale Leray transmite sobre a disjunção *passé*/final de análise, nos seus textos, nos quais situa os momentos cruciais da sua análise, com vários sonhos, que não comentarei, uma vez que vocês podem lê-los, em detalhes, no seu texto publicado em *L'en-je lacanien* n. 11.⁸ Ela situa dois momentos de *passé* na sua análise, sem precedentes na cura, decisivos para a emergência do desejo do analista, um desejo definido como “ser ativada por outra coisa do que pelas cordas do saber, elaborados na análise”. O primeiro momento do *passé*, a partir de um sonho e um equívoco semântico, abre na sua análise um além da função do pai, o que excede à função salvadora do pai. Ali se esclarece (se separa), na sua cura, o ser de gozo que se fazia ser para o Outro na sua fantasia, “impensável objeto a comer”. A queda do gozo do objeto faz emergir a inexistência do Outro do gozo. Ultrapassar o horror de saber, de seu gozo, tem um efeito de alívio e de alegria, uma nova abertura ao desejo. É o corte deste gozo, que lhe “dava um ser” obturando a causa do desejo, e sua queda, o que produz uma primeira separação entre o objeto do gozo de sua fantasia e o A barrado.

O segundo momento de *passé* surge num momento de viva angústia, através da resposta de um sonho, no qual o que “se faz evidente aos olhos” é o olhar, como o objeto que obtura a hiância do sexo feminino. Se lhe desvela o impossível de um saber que fisgaria o real do sexo, e que a ameaça não é justamente essa hiância, mas o que fechava o acesso a ela. A diferenciação entre o furo do objeto a, causa da falta no sujeito ao esvaziar o gozo fantasmático, e o abismo no qual confronta o S (A barrado) como inacessível alteridade do sexo feminino, se marca com a sua certeza. O efeito é o cessar da angústia, porém, cessar de esperar outra coisa, e se abre ali o inverso: “estar à altura da vida que o desejo, como desejo do Outro, nos há transmitido”.

Esse outro encontro radical com o significante do Outro barrado é o que, para ela, marca o momento do *passé* que se produziu no instante mesmo de um ato: a decisão de apresentar-se ao *passé*, na escolha de transmitir esse desejo. Não foi um momento depressivo nem de euforia, mas um momento no qual se descolava da ficção da sua história no encontro com a falha real no saber. Era um acontecimento. O efeito foi imediato na sua prática analítica, numa leveza, desconhecida até então. As perdas resolutivas nesses cortes dos momentos do *passé* abriram a falha real no saber, como causa

⁸ *L'expérience de la passé: de la décision aux conséquences*, *op. cit.*

do seu novo desejo de saber, e o real da castração como ausência “do que jamais existiu senão como vazio”.

Então, ela considerava que ao seu desejo de analista lhe restava uma trava, a qual somente se desfez no tempo de análise consequente a seu testemunho de passe. Antes de decidir fazer o passe na Escola, ela também havia exercido a função de passadora. Localiza que, antes do segundo momento de passe restava ainda um ponto de fixação: não conseguia fazer o luto da consistência dada à verdade, apesar dos efeitos da queda do SsS; e, nesse laço com a verdade, mantinha-se a fixação ao objeto ao qual se havia reduzido a analista, separado na cura: o olhar que ocupava a causa do desejo. Na sua análise, “descolando-se da ficção da verdade histórica”, no tempo que se segue a seu testemunho de passe, se esclarecerá para ela “seu nome de sintoma”, cortado, separado, do gozo da fantasia. Se o passe tinha sido o passo a um novo desejo de saber, a um desejo de analista, não era o final da sua análise. Um sonho abre a via para seu final de análise: o sonho como um efeito de chiste, situa “a colocação em plano da sua identificação fálica”, e interpreta que a ameaça não é o abismo do vazio, porém a falácia da ostentação fálica à qual o sujeito se aferrava. O efeito da interpretação do sonho precipitou um dizer, que através do abismo do vazio, voltava a trazer o real da causa impossível de fisgar (pegar) no desejo do Outro. O resto do olhar que suportava a transferência se esvazia. E a conclusão da sua cura, nos diz ela, é a impossibilidade de nomear o que da palavra escapa do desejo, e como nesse real se origina, para ela, o desejo do analista.

Podemos constatar que as coisas não se apresentam do mesmo modo, no que transmitem essas duas passantes, nomeadas A.E. Se uma acentua no seu passe “descolar-se do sentido”, a outra acentua “descolar-se da verdade”. E é de diferentes maneiras que experimentam como se desfez, em seus momentos de passe, a coalescência entre o objeto a da fantasia e o S(A barrado). Além disso, na primeira, há um testemunho claro de como “a paz não vem carimbar logo a metamorfose do passe”. A separação do gozo da fantasia, com a emergência correlativa do furo no Outro do saber, e a queda do SsS, de onde surge para ela seu desejo de analista e sua aptidão para o ato analítico, não são suficientes para que se produza o final efetivo da sua análise. Na segunda (passante) há mais precisão sobre como se resolve, no final, sua relação com o real da castração, e com esse outro real, (isto é) o vazio que faz existência no lugar do impossível de saber do sexo feminino, que faz cessar o apelo ao Outro.

Gostaria de assinalar que em ambas – não me parece por acaso que isso esteja indicado nos títulos que dão aos seus textos transmitidos à Escola – sua transmissão não é somente de seus momentos de passe, mas que inclui suas consequências no sujeito e no seu

novo vínculo ao Outro, incluindo também a Escola. E sou sensível ao que nos transmitem ambas sobre essa **virada em torno do real que faz**, da palavra, portadora não-toda do desejo: no impossível de dizer que sulca, entre as palavras, o oco no qual surge um ouvir e dizer de analista.

Tradução: Sandra Letícia Berta

Revisão: Conrado Ramos

Referências bibliográficas

- BARILLOT, Patrik. Passe et fin d'analyse. In: *Wunsch* – Revista Eletrônica da IF-EPFCL, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.champlacanian.net/public/docu/1/wunsch2.pdf>>.
- BARILLOT, Patrik. O passe não é o fim. In: *Wunsch* – Revista Eletrônica da IF-EPFCL, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch5.pdf>>.
- BARILLOT, Patrik. O passe sem o fim. In: *Wunsch* – Revista Eletrônica da IF-EPFCL, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch7.pdf>>.
- FRANCO, Silvia Fontes. *Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber*. Inédito.
- LACAN, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros Escritos*. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 248-264.
- LERAY, Pascale. L'expérience de la passe: de la décision aux conséquences. *L'en-je lacanien*, nº 11, vol. 2, 2008.
- LERAY, Pascale. *Le désir de l'analyste*. Intervención en las Jornadas Europeas, Paris, Noviembre de 2008. Inédito.

Resumo

A partir da experiência no cartel do passe e do testemunho de Analistas de Escola – A.E., a autora discute a disjunção entre o passe e o final de análise.

Palavras-chave

Passe, real, final de análise, cartel do passe.

Abstract

From the experience in the cartel of pass and from the testimony of school analysts the author discusses the disjunction between the pass and the final of the analysis.

Key-words

Passe, real, final of the analysis, cartel.

Recebido

24/10/2009

Aprovado

13/12/2009

